

[BEATRIZ POLIDORI ZECHLINSKI]

Doutora em História. Professora do Curso de História da PUC-PR.

E-mail: [beatrizpz.bpz@gmail.com](mailto:beatrizpz.bpz@gmail.com)

# Uma exposição, muitas mulheres, inúmeras reflexões: “As histórias das mulheres a partir do acervo do Museu Paranaense”

*An exhibition, many women, countless reflections: “The stories of women from Museu Paranaense’s collection”*

*Coordenação: Renata Senna Garraffoni e Priscila Piazzentini Vieira.*

*Local e período: Museu Paranaense, Curitiba (PR).  
De 28 de março a 4 de novembro de 2018.*

Em meio às comemorações de março de 2018, associadas ao Dia Internacional da Mulher, o Museu Paranaense, em Curitiba, abriu as suas portas para a exposição temporária *As histórias das mulheres a partir do acervo do Museu Paranaense*, sob a coordenação das professoras doutoras da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Renata Senna Garraffoni e Priscila Piazzentini Vieira. A criação da exposição fez parte do projeto de extensão universitária intitulado *Cultura material e gênero: a história das mulheres no Museu Paranaense*, dirigido pelas mesmas professoras e constituído por uma ampla equipe, em uma parceria entre o Departamento de História da UFPR e o Museu Paranaense, envolvendo especialmente o GT (grupo de trabalho) Modos de Vestir.

Tal projeto mobilizou o trabalho de estudantes do curso de História da UFPR, colaboradores e integrantes do quadro funcional do Museu, promovendo debates e palestras, rodas de conversas e oficinas, encontros para os quais foram convidadas pessoas de várias esferas de atuação, desde a academia até os movimentos sociais. O projeto reuniu, assim, a comunidade universitária e o público em geral em diálogos e trocas intelectuais e culturais sobre gênero e cultura material.

[ 347 ] Nenhuma decisão mais acertada do que esta do Museu Paranaense. A exposição *As histórias das mulheres* encheu os olhos dos espectadores de beleza, de sensibilidade e de história. O historiador Roger Chartier utilizou a expressão "escutar os mortos com os olhos" (CHARTIER, 2010, p. 7), que está em um verso de Quevedo, em aula inaugural do seu curso *Escrito e culturas na Europa moderna*, no Collège de France, em 2007. Essa máxima pode ser sentida em sua integridade ao adentrarmos no cotidiano, na experiência e nas escolhas das mulheres do passado que vieram à luz nesta exposição. Ao nos depararmos com a máquina de escrever doada por Emília Ferreira de Oliveira, na qual pudemos ver um lindo madrigal de Mariana Coelho, impossível não escutar o barulho de seus dedos correndo pelas teclas daquele objeto. Ou, ao enxergar a paleta de cores da artista Iria Correia, não a imaginar escolhendo os tons certos para as suas telas. E, ainda, ao encontrarmos a máquina de costura que pertenceu à Stella Nogueira, não pensar nessa senhora ali sentada, cinquenta e seis anos fazendo uso do aparelho que ganhou de seu pai no dia do casamento. O uso da cultura material na narrativa museográfica elaborada nesta exposição permitiu-nos vivenciar a experiência de estarmos com essas mulheres ali, por uns instantes, e escutá-las.

A mostra no Museu Paranaense percorreu o tema do trabalho das mulheres, levando o público a múltiplos questionamentos sobre a construção do lugar das mulheres na sociedade, os discursos e as representações de gênero, as experiências femininas e os desafios enfrentados por mulheres de épocas passadas. Em razão dos artefatos disponíveis no acervo da instituição, a mostra acabou ressaltando as mulheres que viveram no Paraná

nos séculos XIX e XX, traçando três caminhos de investigação que resultaram em três momentos distintos da exposição: "artes", "trabalho" e "moda e costumes".

Começamos o percurso pelo conhecimento das artistas, momento que nos proporcionou a aproximação de histórias de vida de mulheres que escolheram suplantiar os limites de gênero presentes nos espaços artísticos. Lembramos assim que pintar ou escrever, ser artista ou ser escritora, nem sempre foi considerado adequado para as mulheres, pois o ato de criar carregou, desde a época moderna, na sociedade ocidental, uma tonalidade muito masculina. A afirmação da identidade de autor ou de pintor expressava uma capacidade ímpar de genialidade e de criação que se adequava mais ao padrão masculino do que ao feminino.

[ 348 ] De fato se, para nós, a existência de mulheres pintoras ou escritoras nos séculos passados parece tão incomum, há, sem dúvida, razões que levaram a isso, pois não era toda família que encorajava uma menina a seguir pelo caminho das artes. Podemos nos lembrar das boas damas bem prendadas para o casamento. Contudo, não devemos confundir as mulheres prendadas com aquelas que se tornaram artistas, já que estas concorriam no espaço masculino da genialidade, onde elas passavam a ser consideradas fora de lugar. Sendo assim, fomos convidados a conhecer mulheres importantes da história da arte no Paraná, apreciar as suas telas e nos aproximar de histórias de vida de pessoas que ultrapassaram essas limitações de gênero. A expressão compenetrada de Francisca de Menezes, musicista, pianista e cantora, retratada já com certa idade por Maria Amélia D'Assumpção, remeteu-nos ao percurso de duas mulheres de talento e de fibra. Já as delicadas orquídeas, em aquarela de Karla Kozák, levaram-nos a perceber que essa artista de origem tcheca era não só pintora, mas também uma estudiosa da flora brasileira.

Ademais, fomos impelidos, ao tomar conhecimento dessas artistas paranaenses, a nos questionarmos sobre onde elas tinham ido parar no discurso tradicional da história das artes no Paraná. Faz, na realidade, pouco tempo que temos como pauta de debate o lugar das mulheres na construção dos cânones literário e artístico. Nesse sentido, precisamos reverenciar as críticas literárias feministas, que trouxeram à tona o apagamento sofrido pelas mulheres escritoras na construção do cânone literário que era (e talvez ainda seja) predominantemente masculino, dentre elas, por exemplo, Sandra M. Gilbert e Susan Gubar (2007). Mulheres pintoras e musicistas sofreram o mesmo golpe da memória impetrado pelo discurso oficial das artes.

Quando chegamos ao ambiente dedicado às mulheres trabalhadoras fomos levados a encarar a história do trabalho a partir de uma perspec-

tiva feminina. Na realidade, o mais adequado seria dizer em perspectivas femininas: são mulheres operárias trabalhadoras das fábricas, mulheres indígenas dedicadas aos trabalhos manuais, donas de casa que trabalharam em suas máquinas de costura, fazendo roupas para seus filhos e também para os de outrem, porque a complementação da renda familiar não raro se dava pela produção doméstica feminina. Nada mais ilusório do que acreditar que as mulheres adentraram no mercado de trabalho na segunda metade do século XX. Visualizamos aqui que as mulheres de classes populares trabalharam desde sempre. Sensibilizaram-nos as fotografias das mulheres operárias das fábricas de erva-mate ou de fitas, a mulher kaingang tecendo bambu, assim como o tapete produzido por Ida Hanemann de Campos, que nos apresentou o ténue limiar entre o trabalho manual e a produção artística.

É importante lembrar que, conforme demonstrou Joan Scott (1988), a categoria de análise gênero muito contribui para uma compreensão mais ampla da história do trabalho. Por um lado, a construção da divisão sexual das tarefas nos espaços público e privado está permeada por valores e normas dados pela cultura e pelas relações de poder, frequentemente colocando as mulheres em posições de subalternidade. Por outro lado, ao contrário do que uma história mais tradicional predominantemente narrou, as mulheres estiveram sim, no passado, ocupando posições que eram consideradas masculinas pelo discurso hegemônico.

[ 349 ]

A partir de suas análises, Scott conseguiu sabiamente demonstrar que, quando se trata do mundo do trabalho, o entendimento das experiências de classe precisa ser cruzado com o das experiências de gênero. Muitas fábricas do século XIX, como bem vemos nesta mostra, eram espaços comumente dominados pela mão de obra feminina, assim como o trabalho intelectual e científico não raro tinha a presença de mulheres. É claro que não deixaremos de lembrar os trabalhos considerados "verdadeiramente" femininos, realizados por tantas mulheres em tempos passados e pouco reconhecidos como profissionais, como o de enfermeiras ou de professoras primárias.

Quando chegou o momento de contemplar a moda e os costumes, mais reflexões se colocaram. As revistas de moda, os chapéus, o bustiê de cambraia, entre outros objetos que pudemos visualizar na exposição, permitiram-nos entender o quanto os discursos e as representações de gênero perpassaram as regras de comportamento e a modelagem dos corpos feminino e masculino. Nesse setor evidenciou-se a presença da crítica à percepção biológica da existência corporal, demonstrando-se que os modos de vestir são históricos e carregam símbolos da construção dos papéis sociais de homens e de mulheres. Evidenciou-se a percepção do corpo conformada pelo tempo e pelo espaço e a elaboração da vestimenta como uma consequência dessas percepções.

Conforme Yvonne Knibiehler (1994), no século XIX a ideia de fragilidade do sexo feminino, assim como a tendência, vista no período como natural, das mulheres se dedicarem aos problemas amorosos e aos cuidados do lar, levou a indumentária feminina a ser caracterizada pela sensibilidade e pela amabilidade, fosse no recato apresentado no espaço público ou pela necessidade de encantar no espaço privado. Não é por nada que mulheres aspirantes da liberdade frequentemente vestiam-se de homem para circular nas ruas. Percebemos, assim, que a moda está associada às sociabilidades, pois os locais de encontro, de trabalho e de lazer são marcados pelas diferenças de gênero. Para cada lugar há, com certeza, uma roupa adequada – como vimos nessa parte da mostra, uma dama não iria sair na rua sem chapéu, pois tal atitude seria considerada no mínimo desleixo e falta de recato, além das marcações de classe e de raça expostas por um chapéu de boa qualidade.

[ 35º ] Esses três momentos existentes na exposição dialogaram entre si e se complementaram. Facilmente conseguimos juntar as pontas dos fios narrativos e fazer os laços, conseguimos engendrar a imagem da moça estudante do ateliê de Belas Artes que compra o chapéu adornado com as fitas que a operária fabricou. Mas não foram somente essas belas imagens que a exposição nos ofereceu. Colocaram-se também questões que são fundamentais para as práticas historiográficas, museológicas e patrimoniais. Um dos pontos mais nevrálgicos para aqueles que trabalham com estudos de gênero, por exemplo, é definir se a história das mulheres deve ser contada de maneira separada da dos homens. Afinal, o gênero diz respeito à construção social e cultural tanto do feminino quanto do masculino; e, além disso, sabemos que as mulheres não estão, nem estiveram, em um lugar separado da história, elas são sujeitos históricos igual aos homens e ocuparam todos os lugares pelos quais a narrativa historiográfica possa se interessar, desde a política até a vida privada.

Nesse sentido, é fato que nos deparamos com o problema da relação entre a elaboração das narrativas (historiográfica, museográfica, literária, entre outras) e as relações de poder. São as lutas pelas representações, das quais nos fala Roger Chartier (2002), pois quando se escrevem narrativas, sejam elas textuais ou imagéticas, escolhas hão de ser feitas, e essas escolhas refletem o exercício do poder e os conflitos sociais. O poder presente nos discursos atinge todas as esferas das relações humanas, como disse Roland Barthes:

[...] o poder está presente nos mais finos mecanismos do intercâmbio social: não somente no Estado, nas classes, nos grupos, mas ainda nas modas, nas opiniões correntes, nos espetáculos, nos jogos, nos esportes, nas informações, nas relações familiares e privadas, e até mesmo nos impulsos libertadores que tentam contestá-lo [...] (BARTHES, 2007, p. 11).

Considerando que a luta pelas representações dos grupos sociais subalternos, como as mulheres, pressiona a autoridade dos discursos hegemônicos, podemos começar a compreender por que, ainda hoje, as mulheres permanecem nas margens discursivas dos acontecimentos memoráveis. Por que não conseguimos ainda quebrar os paradigmas das ciências humanas e visualizar as mulheres e os problemas de gênero em todo e qualquer tema a ser abordado pela historiografia, como já há algum tempo problematizaram teóricas feministas, como, por exemplo, Louise A. Tilly (1994)? O objetivo de implicar o gênero na estrutura discursiva das ciências humanas como um todo é uma tarefa árdua.

Ao percebermos o ótimo resultado produzido pela exposição *As histórias das mulheres*, acabamos por entender que ainda é necessário reservar um espaço separado para as mulheres. De outra forma, elas continuariam invisíveis. Assim, a mostra provocou a reflexão sobre até que ponto as narrativas museográficas reproduzem uma lógica cultural e social que coloca as mulheres nas margens, utilizando mais uma vez a expressão de Natalie Zemon Davis (1997).

[ 351 ]

Nesse sentido, há que se saudar a abertura da diretoria do Museu Paranaense para um projeto que propôs questionar esses meandros discursivos. O desafio talvez seja agora ampliar a discussão dentro da instituição. Se podemos verificar, ao caminhar pelas outras salas do Museu, que, apesar da preponderância ainda política e militar na história do Paraná, existiram muitas mulheres que pertenceram a essa história, falta-nos nesses outros espaços a discussão de gênero para sustentar o debate. Esperamos, dessa forma, que a continuidade do projeto venha trazer novas surpresas positivas.

Na exposição *As histórias das mulheres a partir do acervo do Museu Paranaense* quebrou-se o silêncio sobre a vida, a experiência e as estratégias de luta e de resistência de muitas mulheres dos séculos passados. Todavia, não queremos dizer que não haja lacunas na narrativa construída pela mostra. Nenhuma história é completa, toda a historiadora ou historiador lida com esse dilema fundamental de não poder contar tudo, não poder explicar tudo, de aceitar que irremediavelmente pessoas e fatos do passado escapam aos nossos olhos e ouvidos, por mais atentos que estejamos. Alguns desses vazios, como a história da luta pelos direitos civis das mulheres no Paraná (comentado no painel inicial), por exemplo, foram preenchidos nas rodas de conversas e palestras do projeto de extensão, que puderam ser observadas pelo visitante em monitor disponível no local, o que se mostrou uma estratégia bem aplicada.

De toda forma, se temos que nos desapegar da ansiedade de contar tudo, não podemos esquecer que precisamos escolher o que vamos contar. Essa escolha reflete a nossa posição no latente conflito entre a memória e o esquecimento na disciplina histórica e nas políticas de patrimônio, relacionando-se com as necessidades sociais de inclusão e de diversidade. Porque, como disse Walter Benjamin,

a verdadeira imagem do passado perpassa, veloz. O passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido. [...] Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo "como de fato foi". Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo (BENJAMIN, 1994, p. 224).

Na luta contra o esquecimento da vivência histórica das mulheres no Paraná, a equipe criadora desta exposição conquistou certamente uma vitória. Não importa que não estivessem todas as mulheres ali representadas, pois tal objetivo tornaria o empreendimento impossível. Mesmo assim, as que estavam presentes na mostra – para utilizar uma expressão que teria agradado Benjamin – foram salvas.

[ 352 ]

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 222-232.
- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2002.
- \_\_\_\_\_. "Escutar os mortos com os olhos". *Estudos Avançados*, v. 24 n. 69, p. 6-30, jan. 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10510/12252>. Acesso em: 24 set. 2018.
- DAVIS, Natalie Zemon. *Nas margens: três mulheres do século XVII*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- GILBERT, Sandra M.; GUBAR, Susan (Org.). *Feminist literary theory and criticism: a Norton reader*. New York: W.W. Norton Et Company, 2007.
- KNIBIEHLER, Yvonne. *Corpos e corações*. In: DUBY, G.; PERROT, M. (Org.). *História das mulheres no Ocidente. O século XIX*. Porto: Edições Afrontamento; São Paulo: EBRADIL, 1994. p. 351-401.
- SCOTT, Joan. *Gender and the politics of history*. New York: Columbia University Press, 1988.
- TILLY, Louise A. *Gênero, história das mulheres e história social*. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 3, p. 29-62, 1994. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1722>. Acesso em: 24 set. 2018.